

## Indústria: Capacidade Produtiva e Investimentos

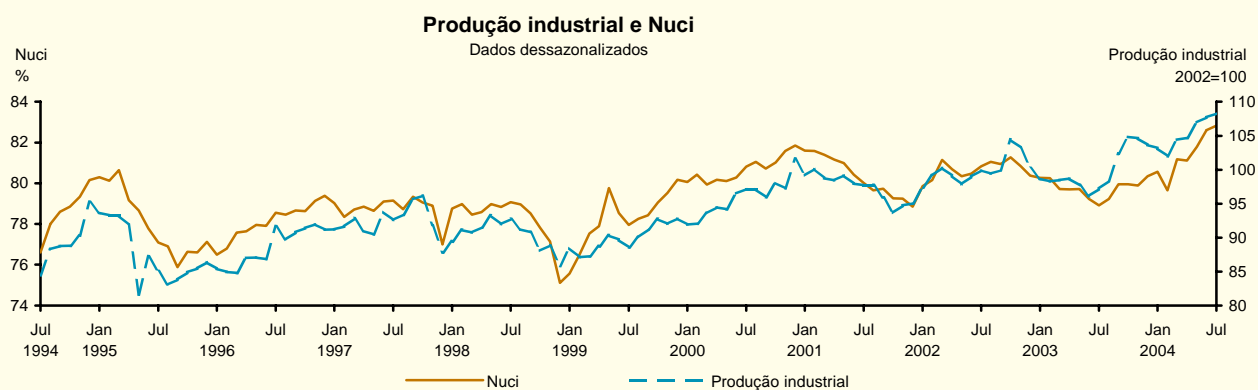
---

O vigor da atividade industrial, que continua a crescer a partir de patamares já elevados historicamente, tem suscitado questionamentos acerca da capacidade do setor em suprir, prontamente, a demanda adicional e garantir a continuidade do processo de expansão, constituindo-se em um foco importante de preocupação da política monetária. De fato, a avaliação da evolução recente dos indicadores do Nível de Utilização da Capacidade Instalada da Indústria (Nuci) mostra sua elevação contínua e justifica o monitoramento, especialmente em determinados setores de bens intermediários.

O Nuci médio vem crescendo sistematicamente desde meados de 2003, atingindo 84,1% no segundo trimestre deste ano, patamar não observado desde o ciclo de crescimento ocorrido em 2000-2001, de acordo com dados dessazonalizados, a partir de publicação da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O valor mais elevado registrado anteriormente ocorrera no primeiro trimestre de 1995, durante o período que se seguiu à implementação do Plano Real.

Outra medida de Nuci na indústria, apurada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em doze estados, também mostra crescimento, ao alcançar 82,8% em julho de 2004, maior valor registrado na série. Assim como nos dados da FGV, picos anteriores de Nuci são observados em 1995, por efeito do plano Real, e no final de 2000, após a mudança do regime cambial e da implantação do sistema de metas de inflação.

Os dados da FGV mostram que todas as categorias apresentaram, no segundo semestre de 2004, índices de Nuci superiores aos observados em



2002 e em 2003, registrando-se o patamar mais elevado em bens intermediários: 87,1%. A análise dos 21 principais setores revela que os maiores níveis situaram-se, principalmente, no segmento de bens intermediários, destacando-se os gêneros celulose e papel, borracha e plásticos, metalúrgica, têxteis e mecânica.

#### Nível de utilização da capacidade instalada (Nuci)

	2004 II <sup>1/</sup> (Nuci atual)	Máximo <sup>1/</sup>	Período	Média <sup>1/</sup>	Desvio-padrão	%
	(a)			(b)	(c)	(a) - (b) - (c)
Indústria de transformação	84,1	85,2	I-1995	80,2	3,4	0,5
Bens de capital	82,4	84,7	IV-2000	73,7	6,0	2,8
Bens intermediários	87,1	89,6	III-1996	84,9	2,3	-0,1
Bens de consumo	81,0	87,6	IV-1994	78,5	4,3	-1,8
Material de construção	81,0	86,0	IV-2000	78,6	5,8	-3,4
Perfumaria, sabões, detergentes, glicerinas	90,6	91,6	III-1994	75,7	8,6	6,3
Mecânica	87,1	87,1	II-2004	74,9	7,3	4,9
Produtos alimentares	85,2	85,6	III-2003	78,4	3,8	3,0
Têxtil	91,0	91,2	IV-2002	84,2	4,7	2,1
Celulose, papel e papelão	95,3	95,6	IV-1994	90,5	3,0	1,8
Mobiliário	84,0	85,3	I-1995	76,8	5,6	1,6
Metalúrgica	92,1	93,0	III-1996	86,9	3,6	1,5
Matérias plásticas	85,4	87,6	IV-1994	78,0	6,7	0,7
Borracha	93,6	94,7	IV-1994	87,3	6,1	0,1
Material elétrico e de comunicações	78,9	83,2	IV-1995	73,4	6,6	-1,2
Madeira	86,4	94,9	IV-2000	82,7	5,1	-1,4
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	84,0	88,0	II-2000	79,2	6,3	-1,5
Diversas	81,1	86,5	IV-1998	74,7	8,5	-2,2
Química	83,8	90,1	I-1995	84,6	1,8	-2,5
Minerais não metálicos	80,0	87,4	I-1995	79,1	5,5	-4,6
Couros e peles	79,5	86,4	IV-1999	78,8	5,6	-4,8
Editorial e gráfica	77,4	90,4	II-1995	76,8	7,3	-6,8
Bebidas	72,7	90,0	II-1991	72,5	8,5	-8,3
Material de transporte	76,2	91,4	I-1995	79,3	6,3	-9,4
Produtos farmacêuticos e veterinários	60,9	88,0	IV-1997	75,3	7,9	-22,3
Fumo	58,9	97,5	II-1993	75,2	9,2	-25,5

Fonte: FGV

1/ Dados dessazonalizados.

Na indústria metalúrgica, os ramos com Nuci mais tomados são os de produtos metalúrgicos para uso doméstico e de ferro e aço (primários, semi-acabados). Na indústria alimentícia, os mais elevados índices de ocupação encontram-se nos segmentos preparação do leite e laticínios e abate e conservas de origem animal (carne e pescado). Na indústria química, devem ser considerados os itens fabricação de resinas, fibras e fios artificiais, enquanto no gênero de material de transporte, os produtores de peças e acessórios para veículos aproximam-se da capacidade limite. Destaque-se que as conclusões de nota técnica recentemente elaborada pela CNI<sup>1</sup> convergem no mesmo sentido, indicando que, em setores específicos, que estão operando em níveis de utilização historicamente elevados, são necessários investimentos para garantir a continuidade da expansão.

Embora os dados desagregados por setores indiquem que poucos segmentos encontram-se com níveis de utilização próximos aos respectivos recordes históricos, uma análise mais cuidadosa desses dados, considerando seu padrão de variação ao longo do tempo, revela que a elevação dos Nuci não é um fenômeno tão concentrado quanto poderia parecer à primeira vista. O nível atual de Utilização de Capacidade Instalada (UCI) é superior à soma da média<sup>2</sup> e do desvio-padrão da série em 9 dos 21 principais segmentos, e outros cinco setores aproximam-se dessa situação.

Muitos segmentos industriais que apresentam grau mais elevado de utilização da capacidade instalada correspondem àqueles que expandiram substancialmente suas exportações nos últimos anos, conforme ilustrado no quadro a seguir, que relaciona a evolução da exportação e do nível de UCI de setores correspondentes nas pesquisas da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex) e da FGV. Mencione-se que, motivadas por essas expansões, empresas desses segmentos vêm realizando investimentos com o intuito de ampliar sua capacidade de produção. Ainda assim, considerando-se o período de maturação dos investimentos, é possível que, temporariamente, a capacidade instalada de

---

1/ MOL, P., FONSECA, R. Aumento da utilização da capacidade instalada requer retomada do investimento. Brasília: CNI, agosto de 2004 (Nota Técnica 1).

2/ Dados dessazonalizados, desde 1991.

## Crescimento das exportações (*quantum*) e Nuci – Segmentos selecionados

%

Segmentos selecionados	Exportações			Segmento associado <sup>2/</sup>	Nuci	
	2002	2003	2004 <sup>1/</sup>		2004 II	Recorde
Manufaturados	5,2	20,9	24,9			
Semi-manufaturados	14,0	9,7	9,9			
Bens de capital	-5,9	16,1	52,3	Bens de capital	82,4	84,7
Bens intermediários	10,4	15,6	13,5	Bens intermediários	87,1	89,6
Máquinas e tratores	4,0	54,8	65,5	Mecânica	87,1	87,1
Têxtil	-4,6	39,2	9,5	Têxtil	91,0	91,2
Celulose, papel e gráfica	4,7	27,1	11,0	Celulose, papel e papelão	95,3	95,6
Metalurgia não ferrosos	19,5	4,7	11,5	Metalúrgica	92,1	93,0
Outros metalúrgicos	17,1	4,7	10,2	Metalúrgica	92,1	93,0
Siderurgia	19,3	15,9	4,5	Metalúrgica	92,1	93,0
Borracha	8,0	23,8	5,5	Borracha	93,6	94,7
Madeira e mobiliário	18,2	21,5	31,5	Mobiliário	84,0	85,3
Peças e outros veículos	-3,5	1,9	28,8	Material de transporte	76,2	91,4
Veículos automotores	4,2	37,6	42,6	Material de transporte	76,2	91,4

Fonte: Funcex e FGV

1/ Acumulado até junho.

2/ Aproximação; não há correspondência exata entre a classificação dos segmentos do IBGE, da FGV e da Funcex.

determinados segmentos seja insuficiente para atender, ao mesmo tempo, a todo o seu potencial de exportação e à expansão da demanda doméstica.

Indicadores de investimentos em nível agregado sinalizam estar ocorrendo ampliação da capacidade produtiva, atenuando a apreensão quanto à ocorrência de obstáculos ao processo de crescimento no médio prazo. Desde o terceiro trimestre de 2003, a Formação Bruta de Capital Fixo vem apresentado variações positivas ante o trimestre imediatamente anterior na série dessazonalizada, tendo crescido 6,8% no primeiro semestre de 2004, em relação ao mesmo período de 2003, segundo as Contas Nacionais Trimestrais. Outro indicador que evidencia a expansão dos fluxos de investimentos é o de absorção de bens de capital. Considerando os primeiros sete meses de 2004, comparativamente a igual período do ano anterior, a produção de bens de capital cresceu 24,9% e as importações aumentaram 7,9%, variações que garantiram o crescimento da absorção em 12,8%, mesmo com as exportações expandindo-se 54,5%, no período.

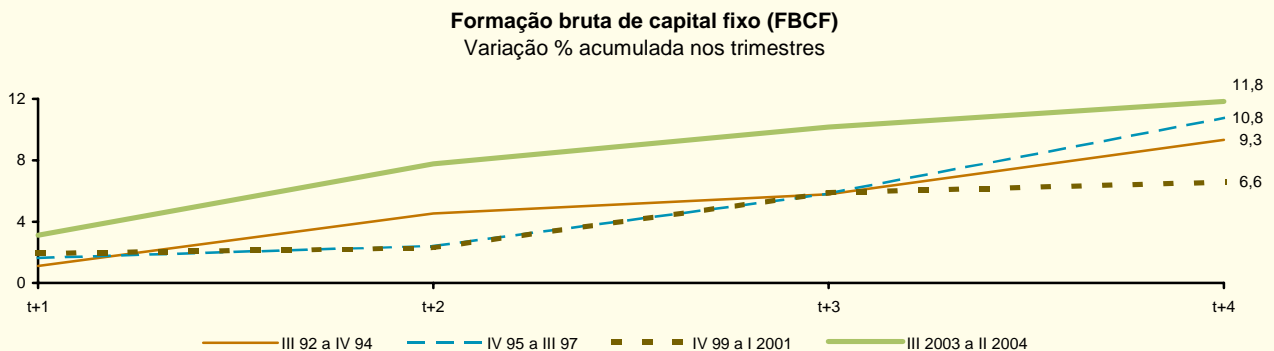
Deve-se mencionar que o período em que teve início esse ciclo de investimento – terceiro trimestre de 2003 – surpreendeu os analistas que apontavam, à época, o excesso de ociosidade do

parque fabril e o caráter incipiente do movimento de expansão como entraves à retomada dos investimentos. Aparentemente, prevaleceram sobre a decisão de investir as perspectivas de ganhos diante da expectativa de recuperação da demanda interna e o fortalecimento dos fundamentos econômicos, notadamente no âmbito das contas externas, da gestão fiscal e do controle da inflação.

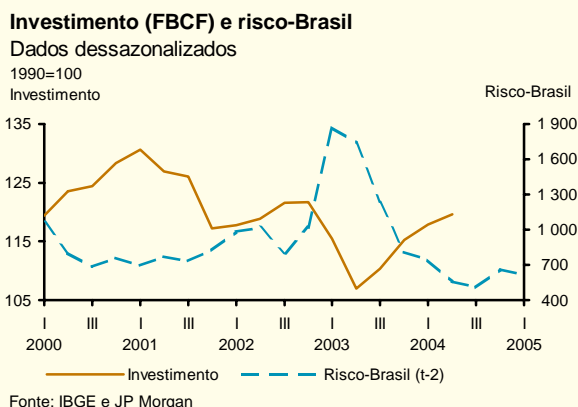
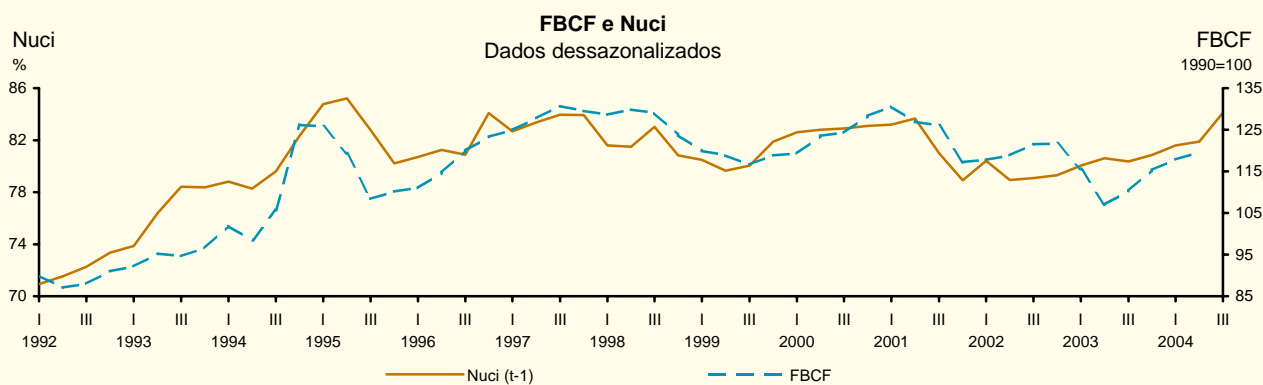
A intensidade com que os investimentos expandiram nesse período evidencia a influência desses aspectos. Considerando dados a partir de 1991, quatro períodos de retomada da atividade industrial, incluindo o observado atualmente, podem ser assinalados. Os três anteriores iniciaram-se no terceiro trimestre de 1992 e no quarto trimestre de 1995 e de 1999.



Em todos esses períodos, os investimentos acompanharam a expansão produtiva. No movimento atual, entretanto, a recuperação desses fluxos tem ocorrido de modo mais intenso, como evidenciam os dados trimestrais das contas nacionais.



Adicionalmente, indicadores antecedentes para o investimento sugerem que o movimento de retomada tende a se manter. O Nuci mostra-se altamente correlacionado à evolução da formação bruta de capital, decorrência da reação natural das empresas em ampliar a capacidade diante da perspectiva de entraves ao fluxo produtivo. Assim, o aumento expressivo da ocupação de capacidade prenuncia continuidade do dinamismo dos investimentos.



Outra variável antecedente do nível de investimento, a percepção de risco-país, aponta no mesmo sentido. O nível mais baixo do risco-Brasil, medido pelo *Emerging Market Bond Index Plus* (Embi+), e sua trajetória declinante nos últimos meses afetam favoravelmente as expectativas de empresários e consumidores, bem como o custo do crédito para as empresas que tomam recursos no exterior, atuando como fator adicional à continuidade da recuperação dos investimentos.

Em síntese, o aumento contínuo do nível de utilização da capacidade instalada da indústria, registrado nas estatísticas da FGV e da CNI, desperta inquietações por sua magnitude e sua abrangência setorial, na medida em que a redução da ociosidade tende a se refletir gradualmente na dinâmica dos preços. Saliente-se que, mesmo quando a produção ainda está aquém do limite físico das instalações existentes, já começa a aumentar o custo unitário das partidas adicionais que se pretendam fabricar – ou seja, dados os fatores fixos disponíveis, o custo marginal é normalmente crescente com o nível de produção. Esse fenômeno, aliás, é a justificativa econômica para que, em diagramas convencionais

de oferta e demanda, as curvas de oferta tenham formato ascendente, associando níveis de preço mais altos a maiores quantidades transacionadas. Medidas emergenciais, como turnos múltiplos de produção ou importações que não seriam competitivas em condições normais de mercado, podem ser capazes de evitar o desabastecimento, mas não mitigam as pressões de custos inerentes a um nível de ocupação progressivamente mais elevado. Registre-se, entretanto, o fluxo crescente de investimentos, assim como suas perspectivas para os próximos meses, refletindo os esforços empreendidos para a ampliação da capacidade produtiva industrial, processo que deverá favorecer o retorno a níveis de UCI mais confortáveis.